

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURA

SUELI ALVES CRUZ

**“RUIM DE PORTUGUÊS”: O PURISMO LINGUÍSTICO DE PERFIS
PROGRESSISTAS NO TWITTER**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA – PR

2020

SUELI ALVES CRUZ

**“RUIM DE PORTUGUÊS”: O PURISMO LINGUÍSTICO DE PERFIS
PROGRESSISTAS NO TWITTER**

Monografia de Especialização apresentada ao Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de “Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura”

Orientadora: Profa. Dra. Andreia de Fatima Rutiquewiski Gomes

CURITIBA – PR

2020

TERMO DE APROVAÇÃO



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Ensino de Língua Portuguesa e Literatura



'RUIM DE PORTUGUÊS': O PURISMO LINGUÍSTICO DE PERFIS PROGRESSISTAS NO TWITTER

por

SUELI ALVES CRUZ

Esta monografia foi apresentada às 14:30 do 19/08/2020 como requisito parcial para a obtenção do título de **Especialista no Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura** – Polo de Diadema - SP, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Curitiba. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **APROVADO**

ANDREIA DE FATIMA RUTIQUEWISKI GOMES

Nivea Rohling

CRISTINA DE SOUZA PRIM

a autenticidade deste documento pode ser verificada através da URL:
<http://certificados.utfpr.edu.br/validar/65213367>

Dedicatória

Às mulheres negras que formaram-se em Letras,
são professoras e são confundidas nas escolas
com professoras de Artes ou História.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a mim mesma, por ter conseguido produzir este trabalho, considerando minha inabilidade em escrever textos acadêmicos reforçado pelo contexto de pandemia e isolamento social.

À minha orientadora, pela paciência com a minha pouca produtividade e por fazer a minha modesta produção ter consistência e normas da ABNT.

Aos meus seguidores do *Twitter*: são as pessoas com quem mais conversei durante esse período de isolamento social e para quem apresentei esta modesta pesquisa.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo mostrar que por mais que os estudos sobre purismo linguístico e preconceito linguístico sejam amplamente debatidos na academia, eles ainda não romperam a bolha dos estudantes e pesquisadores de língua e linguagem para chegar à sociedade. Podemos perceber isso de forma muito nítida em vários contextos, entre eles, o das redes sociais. Atualmente, o *Twitter* é a rede social mais importante no Brasil, pois é nele que se levantam as pautas que geram os atuais debates sociais, inclusive, sendo utilizado pelo meio de comunicação mais convencional em nosso país, que é a televisão. Também no *Twitter* se encontram as personalidades mais importantes do debate político atual, sejam eles conservadores ou progressistas, e é o espaço onde acontecem disputas de narrativas entre esses grupos. Por participarmos muitas vezes desses embates discursivos, pudemos perceber que, entre perfis que se reivindicam progressistas e contra purismos e a favor da diversidade, sejam eles de raça, gênero, orientação sexual e identidade de gênero, não têm a mesma postura em se tratando do uso da língua, utilizando os “erros de português” de seus interlocutores como refutação em debates. Pretendemos refletir como fazer com que a narrativa de que o uso da língua é tão heterogêneo quanto às identidades humanas, fazendo inclusive parte delas, e que seus purismos devem ser combatidos da mesma forma que os outros que já conquistaram um certo espaço e que há outras formas mais inteligentes de se refutar interlocutores de quem discordamos ideologicamente.

Palavras-chave: Língua, Linguística, Preconceito Linguístico, Purismo Linguístico.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
2.1 A TAREFA ÁRDUA DE DEFINIR O QUE É LÍNGUA.....	12
2.2 A DESCONHECIDA DO GRANDE PÚBLICO: A LINGUÍSTICA	15
2.2.1 SOCIOLINGUÍSTICA: QUEM TRABALHA COM LINGUAGEM DEVERIA CONHECER.....	15
2.2.2. LINGUÍSTICA FOLK: O TERMO QUE MAIS EXPLICA NOSSA PESQUISA.....	17
2.3 PRECONCEITO LINGUÍSTICO.....	18
2.3.1PURISMO LINGUÍSTICO.....	19
2.3.2 POR QUE PURISMO LINGUÍSTICO AO INVÉS DE PRECONCEITO LINGUÍSTICO.....	20
3. PROGRESSISTAS NA POLÍTICA, CONSERVADORES NA LÍNGUA.....	21
3.1 HÁ CONTROVÉRSIAS SOBRE SEU GOVERNO, MAS FALA BEM.....	24
3.2 – O EX-MINISTRO QUE “NÃO SABE PORTUGUÊS”	26
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	31

1. INTRODUÇÃO

Um assunto que desperta a nossa curiosidade é o comportamento linguístico de usuários em redes sociais, em especial quando surge a figura preocupada com o uso da norma padrão da língua em quaisquer debates que possam surgir. A necessidade de corrigir a fala e a escrita alheia já é algo que é latente em quem, de alguma forma, domina mecanismos mais sofisticados da língua, ou pelo menos, decorou nomenclaturas gramaticais e se julga alguém que fala e escreve competentemente, e nas redes sociais, essa necessidade virou, inclusive, argumentação, como se o interlocutor do “gramático de plantão”, que cometeu o crime de não usar o plural ou desviar a ortografia oficial de uma palavra não seja digno de participar de um debate em uma rede social.

No trabalho de Oliveira (2017), temos uma explanação consistente do comportamento dos usuários de redes sociais apontarem os “erros de português” de seus interlocutores:

/

Muitas pessoas acreditam que existe um único modo “correto” de falar e escrever, e que tudo aquilo que foge a esse modelo deve ser desconsiderado, o que consiste em uma visão errônea da realidade da nossa língua, diversa e multifacetada. (...) Entretanto, não é essa a visão passada nas escolas e reforçada nos meios de comunicação. Na verdade, os padrões linguísticos normatizados é que são fortalecidos e disseminados, e, juntamente a eles, a intolerância. Assim, tornam-se comuns (e, para muitos, naturais) as postagens em que tal raciocínio se apresenta. (...) internautas estabelecem comunicação entre si, mas já na prática do “preconceito linguístico”. Normalmente, essas colocações acontecem em momentos de debates e discussões, onde a chacota do português utilizado aparece como um instrumento de intimidação, exclusão e trunfo sobre aquele com quem é feito o debate, ou como uma maneira de mostrar conhecimento sobre as normas e evidenciar o erro do “outro”, sem motivos precedentes. (OLIVEIRA, 2017, p. 22).

Pretendemos afinar o que a pesquisa de Oliveira iniciou, analisando o comportamento linguístico de perfis progressistas na rede social *Twitter* em debates políticos ou pautas identitárias que utiliza a correção à escrita do interlocutor como forma de refutação e apontar a inconsistência desse recurso, já que uma pessoa progressista, comumente, aceita e promove a diversidade de gênero, de raça, de identidade de gênero, defende as liberdades individuais, mas não consegue estender essa compreensão ao uso da língua, demonstrando assim o seu purismo linguístico.

O purismo linguístico é um fenômeno que defende a língua da “‘ruína’ e da ‘degradação’ provocadas pelos usos ‘incorretos’ ou ‘relapsos’ de seus próprios falantes nativos” (BAGNO, 2017, p. 382) e é muito fácil identificar essa busca pela pureza da língua em várias situações, dentre elas, as interações nas redes sociais. Dentre essas redes, o *Twitter* é uma das mais utilizadas pelos brasileiros, onde sua veia humorística aflora por meio dos

memes feitos com os assuntos em pauta nos *Trend Topics* e também é onde se dá muitos debates que interessam a sociedade contemporânea, inclusive, utilizada pelos poderes públicos como um “diário oficial” informal onde, muitas vezes, as políticas adotadas são publicadas até antes de terem sido deferidas nos meios de comunicação oficiais. Também é comum o debates indentitários, onde os usuários expõem o que acreditam acerca de gênero, raça, orientação sexual e identidade de gênero, algumas vezes com embasamento teórico; outras, baseados em senso comum, senso comum esse que também justifica que o internauta dessa rede social pensa a respeito da norma padrão da língua e utilize seus conhecimentos sobre esse assunto como argumento para refutar um interlocutor, alegando que este “não sabe Português”, com pedidos de que essa pessoa “aprenda a escrever primeiro para poder depois debater” e o mais curioso, nesse caso, é perceber que pessoas que se posicionam como progressistas ou contra qualquer tipo de discriminação não percebem que todos esses conceitos de defender pautas de fortalecimento das minorias deveriam se aplicar também à língua.

Então, é no mínimo estranho que pessoas que foram usuárias de redes sociais mais antigas, impliquem com esse registro virtual linguístico que mescla traços da oralidade na escrita e que não necessariamente se importa com vírgula, acentos, pontuações e concordâncias, e não percebiam que isso é a invocação de um purismo inexistente e que ele não é necessário para a participação de debates políticos e apontar possíveis desvios desses itens não é uma argumentação plausível.

A grande questão dessa pesquisa é analisar a incidência do purismo linguístico dos perfis que se posicionam como combatentes dos diversos tipos preconceitos existentes na sociedade não estendem isso para o uso da língua, em especial no ambiente virtual, onde os contratos da norma escrita não são tão rígidos, e que quando um perfil progressista encerra um debate dizendo que seu interlocutor precisa aprender seu idioma materno para então ter o direito de se manifestar sobre algum assunto é deveras simplista, usando os “erros de Português”, como comumente são chamados desvios de ortografia ou mecanismos de economia linguística, como não fazer concordâncias verbais e nominais conforme a prescrição da gramática normativa, para refutar um debate. Se esse segmento da sociedade se posiciona a favor da diversidade social, esse mesmo pensamento deveria se estender ao uso da língua.

O purismo linguístico, assim como outras formas de purismos sociais, também deve ser combatido e promover uma educação linguística nas redes sociais é de suma

importância para que, pelo menos, os perfis de esquerda entendam que a língua, por ser heterogênea, não tem só uma forma de uso.

Após a leitura da bibliografia especializada em Linguística que trate especificamente desse tema, trazendo conceitos de Língua, Linguística, Sociolinguística, Preconceito Linguístico e Purismo Linguístico, iremos analisar publicações no *Twitter* que sejam debates específicos sobre o atual momento político ou debate de pautas identitárias em que haja o apontamento de desvio de norma escrita da língua como refutação argumentativa e apontar seus equívocos baseados nesses conceitos apontados anteriormente.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A TAREFA ÁRDUA DE DEFINIR O QUE É LÍNGUA

É muita pretensão querer definir o que é língua, já que “muitos são os textos e autores que já o fizeram, com diferentes objetivos de estudo e de pesquisa” (MENDES, 2012). Alfredina Nery reforça essa dificuldade em seu texto “Língua - O que é, para que serve?”, dizendo que “essa pergunta não tem uma resposta muito fácil” (NERY, [200?])). Mas Bagno (2012, p. 37), em sua Gramática Pedagógica do Português Brasileiro, nos lembra essa importância de dar uma definição, pois “Todo trabalho acerca da linguagem e das línguas, para ser coerente (...) tem de definir o que entende por língua. Só é possível falar da língua depois de definir o que se entende por esse termo”.

Resolvemos, então, começar essa busca por conceituar o que é língua pelo trivial, buscando pelo “pai de quem tem dúvidas sobre o significado das palavras”, que depois de tratar a língua como órgão do corpo, nos diz em seu sétimo termo: “Conjunto de palavras ou signos vocais e regras combinatórias estabelecidas, de que fazem uso os membros de uma comunidade para se comunicar e interagir; idioma.” (MICHAELIS, 2015). O primeiro termo que aparece nessa definição é “conjunto de palavras”, o que é óbvio quando pensamos em um idioma, mas o curioso é que “regras combinatórias estabelecidas” apareça antes do “para se comunicar e interagir”. Interessante notar que os dicionaristas se aproximem tanto do conceito de língua que rege o senso comum, onde as regras vêm antes da necessidade humana de interação.

Peça para qualquer pessoa falante de Português Brasileiro que nunca teve contato com estudos linguísticos que lhe responda qual é o seu pensamento acerca do termo “Língua Portuguesa”, que a primeira coisa que lhe virá à cabeça são as “regras”, a “gramática”, que “Português é muito difícil”, e é raro alguém cogitar que a função de um idioma é fazer uma comunidade linguística interagir. Para finalizar, a palavra comunicar aparece antes do interagir, o que nos remete a uma teoria que ainda é muito utilizada nas aulas de Língua Portuguesa, que é a “Teoria da Comunicação” de Jakobson, onde a linguagem serviria para comunicar, o que já é apontado como incompleto, inclusive, num livro didático de 1º ano do Ensino Médio:

A teoria da comunicação de Jakobson, embora tenha sido de enorme importância, não considera o processo dinâmico e interativo da linguagem. Nela, os elementos que compõem a comunicação (locutor, locutário, mensagem, etc.) são vistos de maneira estática, separados, o locutor ativo e o locutário passivo e, com isso, essa teoria ignora o fato de que estes se influenciam mutuamente no processo interativo, antes mesmo do início da interação propriamente dita. (CEREJA, MAGALHÃES, 2016, p. 46)

Ou seja, o conceito que deveria ser tratado em primeiro lugar numa definição de dicionário teria que ser o da interação, que é um termo que abrange tanto a comunicação como as regras que são necessárias para estabelecê-la. Se pudéssemos reescrever o conceito dicionarizado, seria: “Conjunto de palavras ou signos vocais que os membros de uma comunidade usam para interagir e por questões de organização, têm regras combinatórias estabelecidas”. Evidentemente que, para além da definição do dicionário, podemos definir o que é língua por várias perspectivas, mas esse trabalho pretende seguir Bagno e sua “concepção não-platônica da língua”. Antes de falar sobre isso, falemos sobre como a visão platônica rege nosso pensamento ocidental e é o que faz com que até pessoas com um pensamento progressista, quando se trata da língua, tenham posições mais conservadoras.

Bagno (2012, p. 38) pontua que uma das características da filosofia platônica que nos influencia profundamente é o seu dualismo:

Uma filosofia dualista é aquela que repousa numa dupla de conceitos fundamentais que se opõem de modo irreconciliável (...) podemos elencar uma série quase interminável de pares opostos que tem surgido e prosperado no pensamento ocidental. (...) Com o advento do cristianismo e sua propagação por todo o ocidente, cada um desses pares também recebeu uma dupla carga de avaliação: positiva (para o que é divino, racional, sagrado, eterno, universal, etc) e negativa (para o outro elemento do par). Daí para a oposição maniqueísta tradicional entre o bem e mal nem foi preciso dar um passo. (...) Inevitavelmente, as dicotomias de inspiração platônica também exerceram sua pesada influência sobre os estudos da linguagem.

Ou seja, o pensamento platônico de colocar conceitos em pares opostos influenciou o cristianismo, que por sua vez influenciou o pensamento ocidental e conseqüentemente, chegou também à língua, já que as primeiras gramáticas surgiram na Grécia e tinham por objetivo prescrever a escrita correta baseada nos clássicos de sua literatura e ainda hoje temos esse modelo de prescrição baseado em textos literários, que não são os únicos modelos de uso da norma padrão de uma língua.

Então, já que temos que “dispor de um ponto de vista prévio sobre as línguas” para tentar fazer com que o campo progressista no *Twitter* desenvolva “um raciocínio mais flexível, aceitando as diferenças (...) desenvolver suas próprias observações sobre um fenômeno tão importante para nossa identidade pessoal e social (CASTILHO, 2016, p. 42), que entendamos que língua é heterogênea. Para finalizar, a definição de língua dada por

Bagno em seu curso *on-line* de variação linguística é o que contempla a concepção desse trabalho:

Nós temos que pensar na língua não como um produto, mas como um processo, ou seja, é uma coisa que está o tempo inteiro em andamento, se fazendo, se constituindo, (...) isso também nos obriga a pensar na língua não como uma coisa homogênea, (...) mas sim como um fenômeno heterogêneo (...). Nós temos que pensar a língua como uma espécie de atividade social: é um trabalho coletivo que todos os falantes participam, dando a sua contribuição, então, a língua não pertence a ninguém porque ela pertence a todo mundo. Não existe nenhum organismo que pode dizer o que é a língua e o que não é, porque a língua faz parte da identidade cultural de um povo, da identidade individual das pessoas, a língua está embutida na nossa própria biologia (...). A língua não é uma ponte de concreto, estável, em que a gente pode passar sem ter medo nenhum, ao contrário, a língua é justamente o que está por baixo da ponte, ela é o rio caudaloso que está sempre correndo, levando as águas pra frente (...) A língua está sempre em transformação.” (BAGNO, 2019)

Pensar que a língua é um processo, é heterogênea e uma atividade social e principalmente, que ela pertence a todo mundo é uma forma saudável de pensar e que pode evitar que pensamentos puristas sobre ela não sejam reproduzidos em veículos poderosos, como as redes sociais, em especial em uma que é tão relevante para debates pertinentes como o *Twitter*.

2.2 A DESCONHECIDA DO GRANDE PÚBLICO: A LINGUÍSTICA

Sempre quando nos deparamos com os casos de purismo ou preconceito linguístico em qualquer situação, parafraseamos o jornalista Leonardo Sakamoto, que disse em um famoso twitt que “falta amor no mundo, mas também falta interpretação de texto” (SAKAMOTO, 2019), substituindo a “interpretação de texto” por “Linguística”, mesmo que os dois conceitos não sejam excludentes, já que interpretação de texto é uma das facetas da Linguística, mas o fato de ser uma ciência não *mainstream* e restrita aos estudiosos da linguagem reforça a reprodução do senso comum a respeito da língua, inclusive de áreas que cobram o uso da norma padrão, como o jornalismo, que, se não é o maior, é um dos maiores propagadores do purismo linguístico através de seus manuais de redação e espaços cedidos para “dúvidas sobre Língua Portuguesa”, onde os fenômenos linguísticos são tratados de forma maniqueísta. Acreditamos que caso esses profissionais tivessem um estudo, mesmo que básico sobre Linguística, já que é uma área que lida com a escrita, provavelmente, essa busca pelo purismo linguístico até em simples publicações em redes sociais seriam reduzidas.

Mas afinal, o que é Linguística? O pânico que entramos ao pensar que provavelmente teríamos que retornar ao Curso de Linguística Geral de Saussure e que a memória não

lembraria de uma leitura feita há tantos anos e dos pressupostos teóricos do pai dessa ciência que ainda não está posta, mas qual não foi a surpresa quando ao abrir a bibliografia citada, a definição saltou sem que eu precisasse buscar pelos pormenores: “A ciência que se constituiu em torno dos fatos da língua” (SAUSSURE, 2006, p. 7). Poderíamos até parar por aqui, já que ele o pensador conseguiu sintetizar em uma linha o conceito e o dissecou em sua obra, e hoje é até refutado por quem o continua, mas acreditamos que, sucintamente, que a Linguística trata de tudo que interessa à língua e tem várias ramificações, como a Antropológica, a Aplicada, a Histórica, a Queer, a Linguística Folk, a Sociolinguística, dentre outras, e as que nos vão nos interessar em especial são a Sociolinguística e a Linguística Folk.

2.2.1 SOCIOLINGUÍSTICA: QUEM TRABALHA COM LINGUAGEM DEVERIA CONHECER

“Por vários anos, resisti ao termo sociolinguística, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social.” (LABOV, 2008, p. 13). Em tese, o termo sociolinguístico nem deveria existir, mas como os fatores sociais não eram levados em consideração nos estudos dos grandes linguistas como Saussure e Chomsky. O primeiro visava

a análise das relações internas entre os elementos linguísticos, estabelecendo-se, assim, a chamada ‘linguística estrutural’, sem se preocupar com as relações entre a linguagem e a sociedade. Esta foi uma opção de caráter eminentemente metodológico, pois Saussure reconhece a língua como um fato social. (LIMA E FREITAG, 2010, p. 8).

E o segundo

a teoria linguística se interessa primordialmente por um falante-ouvinte ideal, numa comunidade de fala completamente homogênea, que conhece sua língua perfeitamente e não é afetado por condições gramaticalmente irrelevantes como limitações de memória, distrações, desvio de atenção e interesse, e erros (aleatórios ou característicos) ao aplicar seu conhecimento da língua no desempenho real. (CHOMSKY, apud BAGNO, 2017, p. 424)

Vemos nessa declaração do linguista estadunidense que ser um purista na língua mesmo sendo uma pessoa progressista politicamente não é exatamente uma novidade.

Por esse motivo, foi necessário que houvesse essa subdivisão na linguística, já que “as línguas não existem sem as pessoas que as falam” e “se a língua é um fato social, a linguística então só pode ser uma ciência social, isto significa que a sociolinguística é a linguística” (CALVET, 2008, p.12).

Para definir o que é Sociolinguística, contaremos com Bagno, Lima e Freitag.

Bagno, em seu Dicionário Crítico de Sociolinguística, no termo homônimo, diz que

O termo sociolinguistics foi empregado pela primeira vez num artigo de Harvey C. Currie (...) mas viria a se firmar na década de 1960, nos Estados Unidos, onde a disciplina (ou melhor, o conjunto de disciplinas que reivindicam para si o rótulo de sociolinguística) se desenvolveu sobretudo graças aos trabalhos de William Labov (BAGNO, 2017, p. 424)

Lima e Freitag nos contam que:

O termo “Sociolinguística” fixou-se em 1964, em um congresso organizado por William Bright, do qual participaram vários estudiosos da relação entre linguagem e sociedade, como John Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Dell Hymes, John Fischer e José Pedro Rona, entre outros. Os trabalhos apresentados neste congresso partiam da hipótese de que a Sociolinguística deve demonstrar a covariação sistemática das variações linguísticas e social. (LIMA E FREITAG, 2010, p.15).

Ainda no mesmo dicionário de Bagno (2017), vemos que se olharmos a Sociolinguística de uma perspectiva macro, veremos o que “as sociedades fazem com suas línguas (...) delimitação e interação das comunidades de fala”, e na perspectiva micro, “investiga como a estrutura social influencia o modo como as pessoas falam e como as variedades linguísticas e os padrões de uso se correlacionam com atributos sociais como classe, sexo, idade, etc” (BAGNO, 2017, p. 426).

Com essas definições podemos entender que a Sociolinguística também tem subdivisões e a grosso modo trata de como a língua se relaciona com a sociedade. Nessa pesquisa, nos fiaremos na visão da micro, que trata da variação linguística e é chamada convencionalmente de sociolinguística variacionista, cunhada por William Labov.

2.2.2. LINGUÍSTICA FOLK: O TERMO QUE MAIS EXPLICA NOSSA PESQUISA

As pessoas que decoraram nomenclatura gramatical no período de escolarização e seguem acreditando que desviar ortografia ou não marcar concordância são crimes contra a língua, adotaram para si o que um conceito explica muito bem que é a Linguística Folk:

Termo empregado por alguns pesquisadores para se referir a crenças do senso comum acerca das línguas, quase sempre em desacordo com as teses elaboradas pelos linguistas profissionais. Essas crenças incluem geralmente juízo de valor sobre as qualidades estéticas de uma língua ou dialeto, estereótipos sociais e linguísticos(...) Esse senso comum se manifesta, com frequência, na forma do preconceito linguístico e nas práticas de higiene verbal (BAGNO, 2017, p. 254)

Ao descobirmos o conceito de Linguística Folk, entendemos que talvez seja a subdivisão da Linguística que mais atende a nossa pesquisa, julgamos necessário incluí-la

neste espaço. A Linguística Folk nada mais é do que o conhecimento *freestyle* que pessoas leigas têm acerca da língua e, conseqüentemente, traz reflexões equivocadas que não são cientificamente comprovadas. No caso do Português Brasileiro, já ouvimos coisas como “brasileiro não sabe falar Português”, “ninguém fala Português direito”, “Português é muito difícil”, “só fala e escreve bem quem sabe gramática”, dentre outros mitos, tratado na obra mais famosa sobre esse assunto, cujo o autor ficou marcado profundamente por esse tema, a ponto de declarar que: “Isso acontece com muitos autores (...). Quando se publica um livro que tem uma boa repercussão, o autor acaba ficando muito colado aquilo ali, (...) é muito mais uma obra de militância política do que propriamente de estudo e reflexão” (BAGNO, 2020), o célebre “Preconceito Linguístico”. Inclusive, a continuidade desse trecho é uma exortação aos estudantes e pesquisadores de Linguística que não façam mais trabalhos com esse tema: “Eu tenho até (...) desaconselhado as pessoas (...) a questão do preconceito linguístico tem ser uma batalha nossa, (...) uma militância, mas isso já tem sido muito debatido, já tem sido escrito por várias pessoas” (BAGNO, 2020), mas só soubemos dessa recomendação só foi ouvida após este trabalho ter sido iniciado. Portanto, contrariando o talvez maior pensador do tema, falaremos a seguir sobre:

2.3. PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Por mais que o conselho de Bagno de não se pesquisar mais sobre o preconceito linguístico seja academicamente justificável, este trabalho, por tratar de como se dão as relações com a linguagem em uma rede social específica vinda de um perfil específico, julga necessário definir o que é o conceito do termo. Em seu já citado Dicionário Crítico de Sociolinguística, o autor explica antes o que é preconceito no geral: “O preconceito, (...) isto é, a atitude de lançar um juízo prévio e pronto sobre um fato, uma pessoa ou um grupo de pessoas antes de sequer entrar em contato com o fato ou a pessoa/grupo – parece ser algo inerente ao ser humano que vive em sociedade.” (BAGNO, 2017, p. 374) Estenda esse conceito aos usos da língua e teremos o que o Houaiss define como:

Qualquer crença sem fundamento científico acerca das línguas e de seus usuários, como, p.ex., a crença de que existem línguas desenvolvidas e línguas primitivas, ou de que só a língua das classes cultas possui gramática, ou de que os povos indígenas da África e da América não possuem línguas, apenas dialetos”. (HOUAISS, 2001 p. 2282)

Scherre, em entrevista ao Cadernos de Letras da UFF (2008) nos diz que: “Preconceito linguístico é (...) o julgamento depreciativo, desrespeitoso, jocoso e, conseqüentemente, humilhante da fala do outro” (SCHERRE, 2008, p. 12)

Na mesma entrevista, ela fala sobre os desdobramentos do preconceito linguístico, pois:

podemos perceber e dizer que as variedades linguísticas mais sujeitas a preconceito linguístico são, normalmente, as que possuem características associadas a grupos de pessoas com menos prestígio na escala social ou a grupos de pessoas da área rural ou do interior do país. Este fato decorre do sentimento de superioridade - muito claro na mídia - dos grupos vistos como mais privilegiados, econômica e socialmente. (SCHERRE, 2008, p. 13)

O preconceito linguístico, o ato de discriminar alguém pela forma que fala, está intimamente atrelado ao preconceito social, ou seja, as pessoas que não tem prestígio por sua classe social também são automaticamente discriminadas por, provavelmente, não terem tido acesso adequado ao ensino da norma padrão da língua, (até o conceito de norma padrão da língua é amplamente debatido, refutado, mas trataremos disso mais adiante) e são constantemente acusados de “assassinar a Língua Portuguesa”, entre outros mitos tratados por Bagno em sua obra “Preconceito Linguístico”, que versa de uma forma mais ampla e detalhada sobre o assunto.

2.3.1 PURISMO LINGUÍSTICO

Próximo do Preconceito Linguístico, Purismo Linguísticos explica porque ele acontece, já que é um conceito que defende

um modelo de língua considerada correta, elegante, bonita e “pura”. A noção de uma suposta “pureza” idiomática está na origem do termo purismo linguístico, uma ideologia linguística essencialmente conservadora, que pretende preservar a língua das “invasões” de termos estrangeiros, da “ruína” e da “degradação”, provocadas pelos usos “incorretos” ou “relapsos” de seus próprios falantes nativos e assim por diante (BAGNO, 2017, p. 382)

Se há um juízo prévio sobre a forma que uma pessoa fala ou escreve em se tratando de preconceito linguístico é porque existe um modelo a ser seguido, e há toda uma ideologia linguística que acredita em um modelo de língua que vem desde a Grécia Antiga, onde os filólogos gregos determinaram que o grego padrão seria o literário, mesmo com toda a história de contato com outros povos que interferiram no idioma. Essa forma de pensar transitou ao longo dos séculos, passando pela França absolutista, que inclusive cunhou o termo purista por meio de Vaugelas, que dizia que “o uso correto do Francês devia se inspirar na língua falada pela parte ‘mais sadia da corte’” (VAUGELAS, apud BAGNO, 2009, p.31).

No caso do Português Brasileiro, o purismo começa com os paralelos feitos com o Português falado em Portugal. Esse pormenor aparece como um dos mitos tratados por Bagno em seu livro “Preconceito Linguístico”: “Brasileiro não sabe português/Só em Portugal se fala bem português”, onde compila alguns dos sentidos comuns mais reproduzidos sobre essa falsa simetria entre o que é falado aqui e o que é falado no país que nos colonizou, dentre elas, um recorte de uma coluna de Duarte no Jornal do Brasil sobre língua portuguesa: “Sempre me perguntam onde se fala o melhor português. Só pode ser em Portugal!” (DUARTE, 1998, p. 65 apud BAGNO, 2015, p.38.). Outra declaração igualmente purista foi do ex-presidente da Academia Brasileira de Letras, “(...) pose-se registrar o fato, facilmente comprovável, de que nunca se escreveu e falou tão mal o idioma de Ruy Barbosa” (NISKER, 1998, apud BAGNO 2015, p.39.). E se não bastasse essa síndrome de colônia, mesmo quando o purismo não é o comparativo com Portugal, o critério estabelecido passa ser a literatura canônica, como fazem as gramáticas normativas. O autor de uma delas, Evanildo Bechara, declara que: “A gramática normativa recomenda como se deve falar e escrever segundo os usos e a autoridade dos escritores corretos e dos gramáticos e dicionaristas esclarecidos” (BECHARA, 1999, p. 52 apud BAGNO, 2009, p. 31).

Por fim, vemos esse purismo refletido ainda hoje no ensino de Língua Portuguesa nas escolas, onde até os professores que tiveram acesso aos linguistas que contestam cientificamente a inutilidade do purismo linguístico, argumentam que apenas por meio da aquisição da norma padrão que os estudantes terão oportunidades de ascensão social, outro mito tratado por Bagno em “Preconceito Linguístico” e também “os meios de comunicação, que dão amplo espaço (...) para a divulgação de certo e errado que só fazem reproduzir uma série de queixas e lamúrias sobre a ‘decadência da língua’” (BAGNO, 2009, p. 19) e também em seus manuais de redação.

O purismo linguístico ignora que “a língua é rica, é múltipla, é híbrida, é heterogênea, é variável, é mutante” (BAGNO, 2009, p. 37) e que evocar purismos para represa-la é inútil: o falante ou escrevente “é o melhor gramático que existe” (BAGNO, 2009, p. 47).

A escolha desse trabalho em escolher usar o termo ‘purismo linguístico’ ao invés de ‘preconceito linguístico’ é porque, embora sejam conceitos intimamente ligados, os casos analisados não incorrem em preconceito por não serem uma discriminação social e estar mais atrelado aos conceitos de língua trazida pelos interlocutores que apontam os “erros de português”.

3. PROGRESSISTAS NA POLÍTICA, CONSERVADORES NA LÍNGUA

Essa pesquisa iniciou-se de forma muito empírica, pois somos usuários assíduos da rede social *Twitter* e já há algum tempo, era notória a prática tanto de preconceito como de prescritivismo e purismo linguístico, mas após uma leitura de um trecho de Bagno:

Podemos apreciar cada vez mais, nos dias de hoje, uma forte militância contra as mais variadas formas de preconceito, de maneira a mostrar que eles não tem nenhum fundamento racional, nenhuma justificativa, e que são apenas o resultado da ignorância, da intolerância ou da manipulação ideológica. Infelizmente, porém, esse combate tão necessário não tem atingido um tipo de preconceito muito comum na sociedade brasileira: o preconceito linguístico. Muito pelo contrário, o que vemos é esse preconceito sendo alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é “certo” e o que é errado, sem falar, é claro, dos instrumentos tradicionais de ensino da língua: as gramáticas normativas e parte dos livros didáticos disponíveis no mercado (BAGNO, 2015, p. 21 - 22)

Esse trecho explica dois fenômenos: o primeiro é que as militâncias contra o racismo, o machismo e a LGBTfobia encontram eco na sociedade, de forma que sua defesa ganhou muito espaço, espaço justo de reparação histórica com esses grupos, entretanto, quando se trata de preconceito linguístico, vemos, inclusive, o inverso: os mesmos espaços que foram conquistados pelos grupos historicamente oprimidos, como programas de TV, redes sociais, livros, etc., (e também durante muito tempo foram os responsáveis por propagar preconceitos contra eles) são utilizados para fazer o mesmo com as variantes populares da língua portuguesa.

Isto vem sendo feito, sistematicamente, há muito tempo, de forma que “nem mesmo na atuação de pessoas engajadas em importantes causas sociais, com posições politicamente progressistas, a gente encontra referências a ele, a não ser muito esparsamente” (BAGNO, 2015, p. 22) e foi esse trecho que despertou a curiosidade de observar como que essas “pessoas engajadas em importantes causas sociais” e “com posições politicamente progressistas” se posicionam linguisticamente no *Twitter*, e comprovar se o trabalho feito por programas de televisão, programas de rádio, livros, manuais, gramáticas normativas e livros didáticos disponíveis ainda causava efeito e estaria tão enraizado a ponto de que o purismo não cobrado em outras pautas fosse direcionado ao uso da língua em redes sociais.

Mesmo que nossa pesquisa não faça a análise do preconceito linguístico propriamente dito, mas do seu gerador, o purismo linguístico, podemos perceber que os *twitts* que tratam da

escrita do interlocutor dizem mais sobre a concepção equivocada de língua do que sobre o domínio da norma padrão de quem foi “corrigido”.

Um canal de *youtube* progressista fez uma crítica a um médico pelo uso profilático de Hidroxicloroquina nos casos de COVID-19. O médico então fez um texto-resposta. O canal publicou o texto no *Twitter*:

Figura 1. Registros retirados da rede social Twitter.

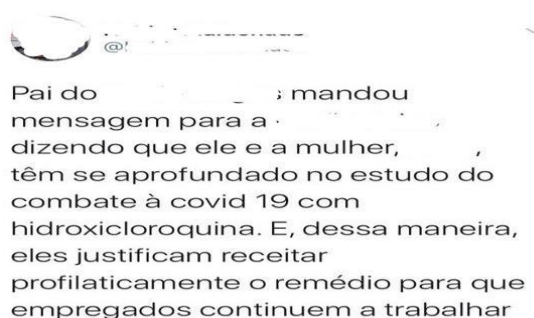
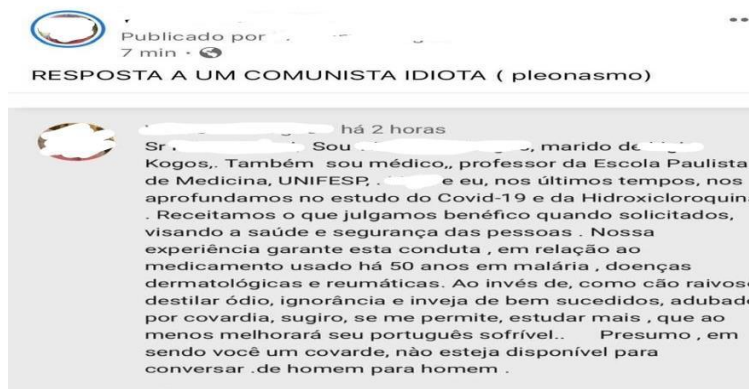


Figura 2. Registros retirados da rede social Twitter.



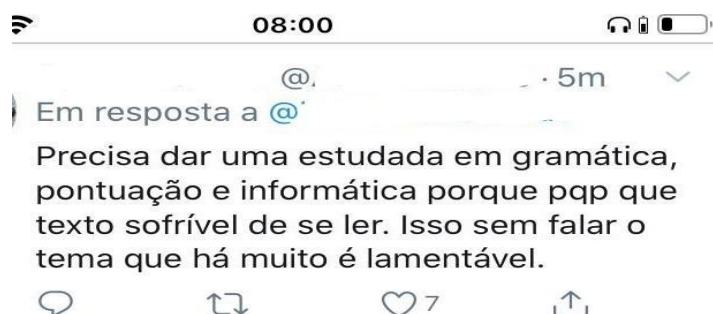
Como podemos perceber, a carta-resposta inicia-se com argumentações aparentemente plausíveis, já que o médico cita sua formação e justifica que se aprofundou no estudo do uso do remédio, mas finaliza citando o “português sofrível” do interlocutor. Os seguidores da página reagiram da seguinte forma:

Figura 3. Registros retirados da rede social Twitter.



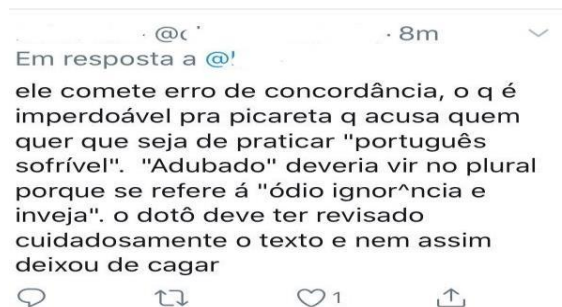
Afirmar que o Português de uma pessoa com o curso superior mais prestigiado do Brasil é ruim chega a ser injusto, apesar de ser possível encontrar desvios da norma padrão como em qualquer falante ou escrevente, já que ninguém domina integralmente a gramática normativa, inclusive, não há consenso mesmo entre os gramáticos tradicionais sobre tais normas.

Figura 4. Registros retirados da rede social *Twitter*.



O mais curioso deste episódio é o internauta iniciar a publicação falando sobre “gramática, pontuação e informática” e só no final preocupar-se com o conteúdo do texto, que é a problemática do uso de Hidroxicloroquina para COVID-19.

Figura 5. Registros retirados da rede social *Twitter*.



Talvez esse seja o *print* desse *post* que mais reflete como o internauta médio não tem noção de fenômenos linguísticos: diz que o erro de concordância é imperdoável para quem aponta os erros de português dos outros, sendo que ausência de concordância é um fenômeno chamado de economia linguística, que consiste em

Um termo que recobre uma variada gama de processos que se caracterizam por representar mecanismos de mudança que tentam reagir positivamente a dois impulsos: (a) poupar memória, (...) eliminando os aspectos redundantes e as articulações mais exigentes; (b) preencher lacunas na gramática da língua, de modo a torná-la mais eficiente (BAGNO, 2012, p.147)

Ou seja, a economia linguística pode tirar ou acrescentar características para facilitar a interação por meio da linguagem falada ou escrita, dentre elas “A eliminação da redundância no caso da concordância verbal (...): em vez de indicar a pessoa duas vezes, com o índice pessoal e a flexão, o princípio da economia linguística se aplica, restringindo a indicação morfológica somente a um dos elementos do sintagma (BAGNO, 2012, p.164). Sendo assim, a ausência de “concordância” não é imperdoável, embora se espere seu uso em um texto monitorado escrito por uma pessoa classe média alta formada em um curso superior de prestígio social elevado como é a medicina.

3.1 HÁ CONTROVÉRSIAS SOBRE SEU GOVERNO, MAS FALA BEM

Agora, analisaremos uma postagem inversa: onde há o elogio da norma padrão. Em uma publicação que consta um vídeo do ex-presidente Fernando Collor de Melo, os internautas que interagiram com o *post* e ressaltaram o quanto o antigo presidente do Brasil tinha o domínio da “língua portuguesa” em comparação com o atual presidente da república:

Figura 6. Registros retirados da rede social *Twitter*.



Figura 7. Registros retirados da rede social *Twitter*.



É interessante notar como Rui Barbosa, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras segue sendo como referência de bem falar e bem escrever do idioma, a ABL segue sendo “uma espécie de Supremo Tribunal Federal das questões gramaticais”. E a resposta é, obviamente, não. (...) é uma instituição que tem (...) sua importância cultural, (...) mas nada disso dá a Academia qualquer autoridade sobre a língua”, (FARACO, 2008, p.101) a não ser a produção do VOLP, que é o Vocabulário Ortográfico de Língua Portuguesa.

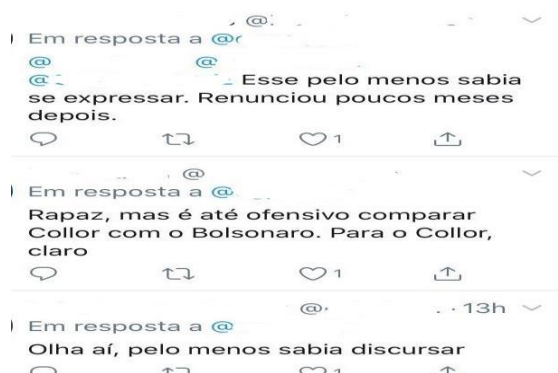
O que é mais curioso na questão de Collor ser um modelo de falante ideal, é considerar sua origem burguesa: Um homem cisgênero, branco, filho de político, com ensino superior em universidade pública, que teve acesso aos bens materiais e culturais. Sua origem social aqui é um fator determinante para que seja considerado um modelo de falante a ser seguido.

Figura 8. Registros retirados da rede social *Twitter*.



Aqui vemos como mesmo Collor sendo considerado um mau presidente, que inclusive foi impedido de governar, ainda acredita-se que ele seria melhor que o atual governo pelo fato de ser um bom orador.

Figura 9. Registros retirados da rede social *Twitter*.



Evidentemente que saber discursar é um recurso esperado de um presidente da república, mas esta característica não deveria se sobrepor ao fato de ser um bom administrador, coisa que, comprovadamente, Collor não foi. A publicação mostra como

dominar a norma padrão da língua atribui prestígio a uma pessoa, mesmo que ela falte com suas obrigações.

O contraditório no comportamento dos internautas analisados é que eles não veem da mesma forma outro homem que também vem de uma classe social favorecida e uma formação acadêmica robusta, talvez por ser do governo vigente e seus equívocos serem recentes e os do ex-presidente estarem num passado não muito distante: o do ex-ministro da Educação, Abraham Weintraub, que talvez seja o caso mais emblemático de purismo linguístico que pudemos encontrar no *Twitter*.

3.2 – O EX-MINISTRO QUE “NÃO SABE PORTUGUÊS”

Weintraub ficou conhecido por cometer desvios de ortografia e concordância no *Twitter*, e conseqüentemente, ser hostilizado por esse motivo, a ponto de ganhar uma publicação na área de educação no site UOL, intitulada “11 erros do ministro da Educação que você não pode cometer no Enem”. Um dos apontamentos feitos pelo *site* foi

Weintraub foi acusado de curtir um post que prega a violência contra estudantes. Ao defender sua atitude, o ministro derrapou na gramática. Depois de receber muitas críticas, ele apagou o tuíte e postou novamente, já com a devida correção. “Há uma série de fake news envolvendo meu nome, algumas calúnias nas quais eu insitaria a violência” - Abraham Weintraub, ministro da Educação (UOL, 2019)

A maioria dos *posts* na reportagem do UOL apresentam apenas desvios de ortografia, pontuação e concordância, descuidos que qualquer um de nós pode cometer ao publicar sem revisão numa rede social. Por esse motivo, todo usuário que discordava das ações do ex-ministro reagia desta forma em publicações que tratavam dele:

Figura 10. Registros retirados da rede social *Twitter*.



Figura 11. Registros retirados da rede social *Twitter*.



Ao invés de criticar-se o fato do então ministro ter usado assessores do Ministério da Educação em causa própria, zomba-se com desvios de ortografias que apenas crianças em fase de alfabetização ou alunos com problemas de aprendizagem cometem. Evidentemente se espera que em publicações oficiais o uso da norma padrão e que haja uma revisão para que tais equívocos não aconteçam, mas, aparentemente, o ministro postava na rede social sem se atentar a fazer uma segunda ou terceira leitura antes de publicar, e isso fez com que o purista que habita naqueles que desconhecem as funcionalidades linguísticas já o ataquem por esse motivo. Sobre esta paranoia ortográfica, Bagno diz que:

É sobretudo aquilo que chamo de paranoia ortográfica: uma obsessão neurótica para que todas as palavras tragam o acento gráfico, que todos os ç tenham a sua cedilha, que todos os G e J estejam nos lugares certos (...) Ora, saber ortografia não tem nada a ver com saber a língua. São dois tipos diferentes de conhecimento. (...) A ortografia oficial é fruto de um decreto (...) e fica muitas vezes sujeita aos gostos pessoais(...). Se os legisladores da língua podem ser incoerentes no momento de definir a ortografia oficial, não há por que estranhar (ou extranhar?) que as pessoas em geral também se confundam. (BAGNO, 2015, p.186 -187)

O caso aqui não é nem que uma autoridade pública esteja autorizada não seguir a ortografia oficial, pois é o que espera-se dela, mas que as críticas feitas a um trabalho que é considerado insatisfatório por uma parcela da população seja feita por meio de sarcasmo linguístico, vindo até de perfis verificados, ou seja, pessoas que são relevantes para a rede social, usarem desse expediente:

Figura 12. Registros retirados da rede social *Twitter*.



Não consideramos adequado que o debate político se faça desta forma. Provavelmente, havia outras críticas mais consistentes a se fazer ao trabalho do agora ex-ministro da educação, mas a pessoa que publicou o post, que é um parlamentar optou por uma refutação infértil, que pode até ser um posicionamento crítico, mas revela uma concepção de língua que não está alinhada com a ideologia que ele defende.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por mais que as questões sobre a norma padrão da língua, variação e preconceito linguístico sejam profundamente estudadas no ambiente acadêmico, ainda falta que este debate rompa a bolha das pesquisas de Letras e Linguística e chegue à sociedade. Enquanto essa conversa ficar restrita a nós, seremos como se diz no linguajar cristão, os “pregadores para convertidos”, temos um diálogo que ainda não mostra efeitos sociais práticos. A prova de que ainda saímos da teoria à prática é ver que pessoas esclarecidas, progressistas, que se posicionam contra outras discriminações, contra purismos de gênero, raça, classe, orientação sexual e identidade de gênero, exijam a ortografia oficial, pontuação e concordância verbal de seus opositores no espectro político, e que isso seja mais importante do que debater ações que realmente precisam ser questionadas.

Pudemos constatar que o que Bagno chama de “Santíssima Trindade do Preconceito Linguístico” (BAGNO 2015, p.109) e nós estendemos também ao purismo, que são a gramática tradicional, os métodos tradicionais de ensino e o livro didático, juntamente com os

veículos de comunicação foram eficientes na divulgação do senso comum sobre língua e linguagem e este ainda está cristalizado no imaginário coletivo da maioria da população, e sua refutação – o debate sobre as variações da língua, o preconceito linguístico, o ensino epilinguístico – ainda não ganharam o mesmo espaço, inclusive o midiático, que o combate às outras discriminações por não ser considerado relevante, inclusive pelo fato de que acredita-se que o correto é o uso da norma padrão, sendo que ela também muda, pois a língua é mutável, e o mais curioso é que notar que os desvios de norma apontados aqui são os mais comuns e até irrelevantes para o entendimento do que foi escrito. Faraco nos diz que

[...] os letrados brasileiros vivem uma situação de esquizofrenia linguística, enredados por uma cultura de erro que afeta pesadamente o nosso imaginário sobre a língua, as nossas relações sociais e o ensino de português (FARACO, 2008, p.107).

Isso explica por que “errar” no Português beira a um crime, em especial quando ele vem de pessoas que são letradas, sem desconsiderar, é claro, o fato de que pessoas em cargos públicos precisam usar a norma padrão em sua comunicação e que poderiam sim serem questionados nesse sentido: o de tomar cuidado para não fazer postagens sem uma revisão.

Acreditamos que quem lida com língua e linguagem, apesar de não ser obrigado, poderia tentar a ocupação desses espaços de debate para poder inserir a pauta do preconceito e do purismo linguístico, apresentar nos meios de comunicação, em especial agora que não dependemos da grande mídia, graças às redes sociais, onde basta a simples abertura de um perfil, que a língua também tem heterogeneidades e que todas deveriam ser aceitas, que ela inclusive dá ferramentas para debates argumentativos que não sejam implicar com um desvio de ortografia ou concordância e que essas duas variações tem explicações científicas, há estudos e nada disso é baseado apenas em achismos ou opiniões sem fundamento, não pode-se afirmar que pessoas formadas no ensino superior de universidades públicas, com pós-graduações *stricto-sensu* não dominam a norma padrão da língua.

Por estarmos em desvantagem no quesito divulgação, ainda levará muito tempo para que o purismo linguístico e seus pares sejam combatidos socialmente, pois, mesmo com um amplo espaço, preconceitos raciais, de gênero, de orientação sexual e de identidade de gênero ainda acontecem, tanto no simbólico como no concreto, já que muitas vezes essas identidades são literalmente mortas por sua condição, imaginem o árduo trabalho que temos para fazer com que os debates sobre as heterogeneidades da língua ultrapasse os muros da academia e libertem os falantes da opressão de usarem apenas a norma padrão.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Curso online: Variação linguística e ensino**. 2019. Disponível em: <<https://cursoonlinevariacaolinguistica.club.hotmart.com/lesson/wa4RM2p3On/modulo-1-variacao-linguistica>> Acesso em 01/04/2020.

_____ **Dicionário Crítico de Sociolinguística**. São Paulo: Parábola, 2017.

_____ **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2012.

_____ **Não é errado falar assim! Em defesa do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2009.

_____ Objeto Língua. Parábola, 2020. 1 vídeo (1 h,19 min, 11 seg.). Disponível em: <<https://youtu.be/7OtzBhjBpPQ>> Acesso em: 15 de maio de 2020.

_____ **Preconceito Linguístico**. São Paulo: Parábola, 2015.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo, Parábola, 2002.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto,

2016.

CEREJA, William Roberto, MAGALHÃES, Thereza Cochar Magalhães. **Português Linguagens 1**. São Paulo : Saraiva, 2016.

MENDES, E. **O conceito de língua em perspectiva histórica: reflexos no ensino e na formação de professores de português**. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias [online]*. Salvador: EDUFBA, 2012, Disponível em: < <http://books.scielo.org/id/67y3k/pdf/lobo-9788523212308-47.pdf>> Acesso dia 08/03/2020

LABOV, Willian. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo, Parábola, 2008.

LIMA, Geralda de Oliveira Santos, FREITAG, Raquel Meister Ko. **Sociolinguística**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2010.

Língua. **Dicionário Michaelis on-line**, 20 de maio de 2020. Disponível em: < <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/L%C3%ADngua/>>. Acesso em 20 de maio de 2020.

NERY, Alfredina. **Língua - O que é, para que serve?** Disponível em: < <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/lingua-o-que-e-para-que-serve.htm?next=0004H409U384N>> Acesso em 20 de maio de 2020.

OLIVEIRA, Rafaela Monteiro de. **A Discriminação Linguística no Ambiente Virtual**. Monografia (licenciatura em Letras-Português e Respectivas Literaturas) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: < https://bdm.unb.br/bitstream/10483/20157/1/2017_RafaelaMonteirodeOliveira.pdf > Acesso em 01/04/2020.

SAKAMOTO, Leonardo. **Falta amor no mundo, mas também falta interpretação de texto**. São Paulo, 23 de junho de 2015. Twitter: @blogdosakamoto. Disponível em: < <https://twitter.com/blogdosakamoto/status/613180980246003712> > Acesso em: 15/07/2020.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Entrevista com Maria Marta Pereira Scherre sobre preconceito linguístico, variação linguística e ensino in Cardernos de Letras da UFF – Dossiê: Preconceito linguístico e cânone literário, no 36, p. 11-26, 1**. Rio de Janeiro, 2008.

UOL. **11 erros do ministro da Educação que você não pode cometer no Enem**. Disponível em: < <https://educacao.uol.com.br/noticias/2019/10/15/veja-erros-do-ministro-da-educacao-que-voce-nao-pode-cometer-no-enem.htm> > Acesso dia 14/08/2020.